

Haroldo Hollanda

O apoio político de Geisel a Sarney

Segundo vários dos seus melhores amigos, o ex-presidente Ernesto Geisel saiu satisfeito da reunião mantida esta semana, no Rio, com o presidente Sarney. A disposição com que Geisel foi para o encontro era a de dizer a Sarney, se fosse por ele motivado, de que o seu governo precisa adquirir personalidade própria, afirmar-se perante a Nação pelos seus próprios méritos e qualidades. O atual presidente da República, de acordo com a visão de Geisel, não pode indefinidamente ficar preso ao falecido presidente Tancredo Neves, cuja memória deve ser reverenciada, mas sem que isso implique numa volta permanente do atual governo ao passado e à imagem política de Tancredo, a qual se dissipou com sua morte.

Após a morte de Tancredo Neves, de quem era vice, ascendendo à Presidência da República, Sarney assumiu o comando da Nação. As responsabilidades, os erros e os acertos políticos e administrativos do governo passam a lhe caber com exclusividade.

Com certo espírito, lembrava recentemente um dos políticos mais estreitamente ligados a Sarney, que o ministério atual, constituído por Tancredo, antes de seu desaparecimento, não vê nele o seu presidente. A recíproca também é verdadeira, porque Sarney não reconhece na equipe que com ele governa o seu ministério. Não há dúvida de que esta situação paradoxal provoca um descompasso político, que se reflete na dinâmica do próprio governo.

Um dos melhores amigos de Geisel evoca que o apoio do ex-presidente é importante para Sarney. Além de ser uma «liderança no pedestal», Geisel, apesar das idiosincrasias de alguns e dos ressentimentos de outros, possui numerosos e dedicados amigos, tanto no meio político como entre os militares. Como reconhece também uma das figuras mais influentes do PMDB, o senador Fernando Henrique Cardoso, o ex-presidente exerceu na História recente do País, papel político dos mais relevantes. Em seu governo, quando demitiu o general Eduardo D'Ávila Melo, desmontou em São Paulo o esquema da repressão, ou quando exonerando o general Sylvio Frota, do Ministério do Exército, iniciou uma operação de limpeza nas fileiras militares, destinada a quebrar as resistências de todos quantos se opunham ao seu projeto de abertura democrática.

Finalmente, mesmo fora do poder, Geisel ainda exerceu papel influente na última sucessão presidencial. O esquema continuista de Figueiredo ou a candidatura Paulo Maluf à Presidência da República encontraram nele um adversário silencioso mas eficiente. Geisel se pôs a articular ele próprio, um esquema político-militar destinado a viabilizar, em todos os sentidos, a candidatura Tancredo Neves à Presidência da República. Houve um período em que o Palácio do Planalto e os adeptos da candidatura Maluf procuravam caracterizar a candidatura Tancredo Neves como movimento político revanchista e de esquerda. Geisel minou essa conspiração, cujo propósito era de desestabilizar militarmente a candidatura Tancredo Neves, fazendo com que ela perdesse consistência e respaldo entre as chefias mais importantes das Forças Armadas.

Contudo, o ex-presidente só assumiu essa posição dissidente, quando se convenceu de que o ex-presidente Figueiredo não se dispunha a coordenar uma candidatura de conciliação do PDS, que não só inspirasse a confiança da Nação, como assumisse o compromisso de total restauração democrática. Mantido inalterado o quadro político e permanecendo omissos o Palácio do Planalto, havia dois riscos imediatos, com os quais Geisel não concordava: ou prevaleceria a tese da prorrogação do mandato de Figueiredo ou então Maluf seria vitorioso no Colégio Eleitoral, hipóteses consideradas por ele como indesejáveis, do ponto de vista dos mais altos interesses nacionais.

Revela um dos amigos de Geisel que quando Tancredo Neves se elegeu presidente e começou a compor a sua equipe ministerial, insistiu por várias vezes em fazer com que o ex-presidente indicasse nomes para o governo. Geisel recusou. Ainda segundo o depoimento de amigos seus, tendo já exercido o posto, Geisel é muito cioso da autoridade presidencial. Quando conversa com um presidente, ele trata dos assuntos e dos problemas nacionais de forma genérica, sem examinar as questões nos seus detalhes ou em seu caráter particular. Ele é da opinião de que a autoridade presidencial deve ser preservada, a fim de que o chefe do governo possa tomar as grandes decisões nacionais, consciente da força do papel histórico que está exercendo.